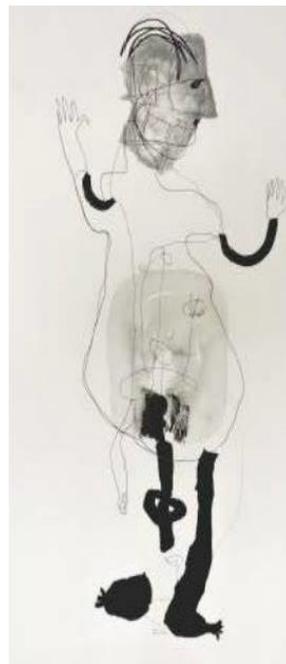


ENSAIO RÍTMICO EM DUAS POTÊNCIAS

Vinícius Nicastro Honesko



Imagens | José Fernandes
(detalhe: Altos, 2015, mista s/ papel)

Polichinello

Potência I: *Infância*

Há pouco lembrava dos relógios que, quando criança, desenhava no pulso esquerdo: chacoalhava o braço com força e insistência para sentir o barulho do ponteiro dos segundos e, em tais instantes, era como se a tinta da caneta tivesse criado um verdadeiro relógio. Nessa época ainda não havia feito minha primeira comunhão, e não tinha ganas de saber e de entender o transcurso de nossa curta existência. Assim, aquele relógio de pulso recém criado era já o bastante para compreender o que eram as horas. O tempo, antes da comunhão, era ordenado pelas horas da comida: café da manhã, almoço, café da tarde, jantar, isso para não falar dos entremeios. A fome era reguladora das estações da vida e o espaço de um dia podia parecer uma espécie de grande mesa a ser percorrida na ausência dos adultos. Correr para comer, comer para correr e os desenhos e jogos da infância me lançavam no mundo das horas do relógio que acabara de desenhar.

Esgueirar-se por uma vida plena de refeições, sem a preocupação das horas, faz da criança um ser ativo, esperto no desembaraçar de histórias, de imagens. Talvez os desenhos que todas as crianças insistem em fazer e com eles presentear adultos de que elas gostam sejam o reflexo da atmosfera de passagem, de movimento contínuo, pela qual a imaginação infantil transita sem meios termos. A hora das passagens, no entanto, acaba, num certo momento, sendo apreendida por certas manifestações hipócritas dos adultos. E, talvez, a regulamentação da voracidade alimentar por meio do ideário eucarístico possa ser um dos exemplos dessas estacas que freiam a imaginação infantil.

No que diz respeito à tradição cristã-católica, trata-se de uma absorção do desregramento cronológico do mundo das crianças ao fundar em seu imaginário uma ideia de representação alimentar pautada numa

antropofagia como que “às avessas”: come-se o pão como se fosse o corpo de alguém; bebe-se o vinho como se fosse o sangue de alguém. Na concepção católica, é preciso dizer, come-se o próprio corpo e bebe-se o próprio sangue do cristo (porém não é tempo de ingressar no debate acerca da consubstanciação ou transubstanciação, pois muita saliva já foi gasta para tentar digerir esses conceitos). A criança, ao se deparar com a seriedade da refeição, começa a prestar atenção nos tempos necessários para se comer: aliás, o alimento católico somente pode ser servido após um rito (uma coordenação do tempo) que intenta repetir o “dar-se à morte do cristo”. Apartadas da *magia* das horas pintadas no pulso, separadas dos espaços da grande mesa do infindável dia de fome, as crianças decaem: param de desenhar, não mais reparam nos movimentos livres das horas e, por fim, deixam-se apreender pelo ritmo de uma cronologia salvífica que aguarda redenção num para além das fatias de tempo que lhe imprimiram ritmo à vida pós-infantil.

Claro que essa descrição da comunhão católica é apenas um exemplo da separação da criança do mundo de sua imaginação infantil. Tantas outras, ora menos ora mais perversas, hoje se instauram: a escola dos tempos de capitalismo financeiro, a educação calcada na proteção imunitária contra tudo e todos, o mundo irrestrito das tecnologias que tolhe determinado aspecto da imaginação, o terrível mundo televisivo etc.. E é no cáustico ritmo impresso na "vida séria adulta" que talvez hoje seja possível assistir à morte da imaginação. As prescrições, os manuais e os modos de fazer impregnados da lógica da seriedade obscurecem qualquer chance de montagem de um saber imaginativo. (É bom lembrar que a imaginação não é um abandono às miragens e delírios de um reflexo, mas um limiar em que sensível e pensamento se tocam e, com isso, abrem um campo de possibilidades aos homens.)

Talvez, a nós, adultos, sejam tempos de tentar redesenhar relógios nos braços, de deixar fluir o ritmo do movimento da vida, de deleitar-se em tempos outros numa refeição, de animar os espaços ritualizados de uma vida "enojada" e, com isso, viver não uma vida sonhada séria e feliz (patética convenção capitalista), mas a banalidade ordinária (para não dizer quase cretina) de uma vida desperta e possível.

Potência II: *desoeuvrement*

Na passagem do século XIX para o XX as cidades, principalmente as metrópoles dos países em que a industrialização já havia feito seus primeiros ciclos, começam a sentir uma mudança em seus ritmos internos: as distâncias começam a se alargar (e aí a necessidade de *meios de transporte* mais velozes); os ruídos aumentam (é o motor de combustão interna); a sujeira não é mais somente rejeito humano, mas também dejetos das máquinas; os estimulantes ganham espaço nos espaços públicos (não eram agora o charuto e o chá a servir de momento de relaxamento nas horas de descanso, mas o cigarro e o café usados em plena jornada de trabalho); o ritmo interno à cidade passou a ser ligado não mais apenas à circulação sanguínea, mas também àquela do petróleo refinado nas engrenagens das máquinas.

Uma mecanização também atinge o campo artístico (e muito já se escreveu sobre isso), como no caso da invenção da fotografia: os retratos que, quando pintados, tomavam horas de pose do retratado, passaram a ser capturados – instantaneamente (se bem que nos primórdios da fotografia não fosse assim tão rápido) – pela objetiva da máquina fotográfica; logo em seguida, a invenção do cinema dá mostras do que seria a nova velocidade no acompanhamento de *histórias* (os romances entram em declínio e o

entretenimento se passa na grande tela); a arquitetura, em certas searas, começa a privilegiar os espaços internos dos ambientes, quase que em detrimento do aspecto exterior, além da preocupação com os novos mecanismos (luz elétrica, telefone etc.) que começariam a tomar um espaço e ser o centro das atenções dos arquitetos (de fato, era burguesia industrial a comitente dos projetos). Até mesmo as religiões sofrem com a intervenção das máquinas. Exemplo disso é a criação do espiritismo, centrado nas reuniões de caráter privado e em *assombrações* possibilitadas pela nova forma de manipular a energia (luzes, aparelhos magnéticos, enfim, uma série de forças que poderiam servir – subterraneamente – de meio de conversão e convencimento de crentes).

Hoje toda essa mudança súbita, mais ou menos cem anos, pode ser vista como marca do início de uma mutação antropológica (estendendo a visão que Pier Paolo Pasolini tinha da Itália dos anos sessenta). Todo esse contexto das metrópoles da Europa e América do Norte do século XX – explosão demográfica, guerras virulentas, energia atômica etc. – pode, no entanto, ser redimensionado num simples passeio dominical numa cidade interiorana de um país interiorano. É óbvio que o ritmo das máquinas chega por aqui com um tempo de atraso – e toda essa história da passagem do século XIX para o XX no hemisfério norte pode ser repensada com relação ao Brasil.

Enquanto saía para uma caminhada matinal, acabei por me dar conta de que o que há 15 anos era um espaço arborizado, voltado à convivência de senhoras com seus netos, de senhores com seus jogos de dama e dominó, onde ainda se podia ouvir alguns pássaros a cantar, hoje é um estacionamento. Foi passando por ali há pouco que senti que o ritmo inoperante de certas tardes é ameaçado a todo instante não diretamente por

alguém (ou algumas pessoas que a isso se opõem sem o saber), mas por uma ideia, por um modo de acolher as ingerências do poder, seja na submissão a todo mecanismo de controle demográfico, seja na aceitação redentorista da tecnologia como *meio libertador* de não se sabe qual sensação vital. E é essa aceitação tácita e muda de um modo de vida pautado na velocidade das máquinas que paira como ameaça constante a um ritmo de vida.

Não tenho pretensões de análise da mutação, nem de levantamento de dados que confirmem essa minha estranha sensação de não conseguir sentir um ritmo humano nas coisas da cidade, aliás sequer falo de uma metrópole. Também seria ingenuidade pensar em espaços resguardados da movimentação e aceleração mecânica, isso para não falar da muito mais intensa e rápida evolução das novas tecnologias. Apenas escrevo uma sensação que tive, um enjoo quase literal enquanto passeava. Olhando para as ruas, para os carros, parece-me que hoje tudo o que se move o faz num ritmo que busca não um movimento oscilante – no qual é possível haver baixas e altas velocidades a depender do momento –, mas uma constante ininterrupta (quase como se a ideia *iluminada* do constante progresso fosse o *telos* inexorável que sobejaria toda intencionalidade). A cidade, na ânsia por aceleração de seu ritmo, perde-o, pois não há ritmo onde há somente linearidade, onde há movimento constante e inalterado. O ritmo da máquina não é propriamente um ritmo, pois não há ritmo onde não há sensação, onde não há, por assim dizer, vida. E talvez seja essa minha vontade (tão pasoliniana) de sentir ritmos antigos que me ilude diante da arritmia do mundo contemporâneo.

Diz-se que vivemos um ritmo frenético e eu mesmo já disse que o ritmo da vida muda com as revoluções tecnológicas – e uso aqui o significativo ritmo indistintamente –, mas penso que é todo um novo cabedal

onomástico que precisa ser elaborado para, talvez, dar conta disso que chamamos era da globalização (esta que, para teóricos como Peter Sloterdijk, de um grande *globo* já se fez um *manto de espumas*). De fato, toda essa minha elucubração surgiu de uma sensação em meio a uma caminhada ritmada. Aliás, durante essa hora em que me coloquei a andar nas esquadrinhadas ruas desta cidade interiorana, tentei ouvir certos sons. Queria escutar os sons da cidade, seu *ritmo*, que talvez pudesse estar no canto dos pássaros, no vento frio que agitava as folhas das árvores, no som dos meus passos que ora soavam secos, ora umedecidos pela neblina. Queria ver e ouvir a cidade como espaço onde habitam homens, onde há vida. Porém, não posso me esquivar de certa tristeza que durante essas reflexões acabou por se abater sobre mim. Era como se a minha sensação estivesse viciada em querer encontrar sentidos nos sons (e pensava em Derrida), era como se me fosse interdito o acesso às outras pessoas, e perguntas ecoavam aqui e acolá: como fazer com que minhas angústias, meus sentidos, entrassem em relação (rítmica) com as dos outros? Como se já não vejo com quem o fazer? A cidade está esvaziada... ou, talvez, seja meu ritmo é que colapsa por não encontrar sua melodia, por tentar decifrar no espaço o que só se dá no tempo. E, talvez, seja mesmo o ritmo o tempo organizado. Mas o que é a organização senão o edifício que se constrói sobre a desorganização?

Tudo um delírio dominical? Acho que sim, mas ritmado.

Vinícius Nicastro Honesko é professor da Universidade Federal do Paraná
